

A TRANSFORMAÇÃO DO QUE É VISTO: ENTREVISTA COM SÉRGIO BERNARDO



A TRANSFORMAÇÃO DO QUE É VISTO:

Entrevista com Sérgio Bernardo

Por Leonardo Barros Medeiros

Sobre Sérgio Bernardo: Sérgio Bernardo nasceu no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro.

Ligado à imprensa desde 1999, atuando como jornalista, revisor e cronista, manteve, entre 2003 e 2009, a coluna literária semanal "*LetraLivre*", publicada no caderno "*Light*", do jornal "*A Voz da Serra*". Nesse mesmo veículo publicou dezenas de matérias sobre cultura e arte.

Começou a se dedicar à literatura em 1984, tendo recebido prêmios em diversos estados do Brasil, várias cidades de Portugal e também na Argentina. Entre os prêmios destacam-se o Helena Kolody de Poesia (2002), promovido pela Secretaria de Estado de Cultura do Paraná; o Paulo Leminski de Contos (2002), organizado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste); e o OFF Flip de Poesia (2006), uma das realizações do evento literário paralelo à Flip, em Paraty/RJ.

Participa do documentário "*Um bonde chamado Santa Teresa*", de 2006, dirigido por Jorge Ferreira, falando um poema seu sobre o conhecido bonde desse bairro carioca.

Está presente em inúmeras antologias, no Brasil e no exterior, entre elas: "*Meninos*" (Belo Horizonte/MG, 2009), "*Tramas*" (Montevideu, Uruguai, 2010) e o "*Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa*" (Instituto Piaget de Almada, Portugal, 2010).

Tem dois livros publicados: "*Caverna dos signos*" (poesia e narrativa), de 2005, editado a convite da Secretaria de Cultura de Nova Friburgo/RJ, cidade onde vive; e "*Asfalto*" (poesia), pela editora Selo OFF Flip, lançado em agosto de 2010 em Paraty/RJ.

No jornal virtual "*Sobrecapa Literal*" (<http://www.sobrecapaliteral.com.br/>), editado pela escritora Ana Cristina Melo, assina a coluna "*Sem poesia não dá*", em parceria com o escritor Rodrigo Domit.

ABERTURA

Do asfalto

Fez-se um inverno à revelia:

Desde antes, quando à partilha

Faltou grande parte.

Quando inaugurou-se

Com desníveis e arestas,

Exclusão na argamassa

De cada muro

Ou edifício,

Contrários entre as ferragens.

A diferença abriu-se sem testemunhas.

in Asfalto

Vernaculum: Quais os caminhos da poesia no século XXI?

São três basicamente. Primeiro, o dos livros/e-books, que continuam sendo publicados em larga escala pelos poetas. Uma publicação quase sempre do próprio bolso, ou em parceria com pequenas editoras, já que as grandes casas editoriais tendem a publicar apenas nomes consagrados, vivos ou mortos. São livros que vendem praticamente no dia do lançamento ou, depois, em eventos poéticos, caso o autor tenha ânimo e tempo para participar de vários deles. O segundo caminho é o das performances. Havendo no poeta também um ator, poderá oferecer seus espetáculos a instituições culturais, públicas e privadas, fazendo um elo entre divulgar seus textos e receber por seu trabalho. Essas duas vias têm a ver com a profissionalização do poeta, caso se queira encarar a poesia como ofício, e não um mero hobby para as horas vagas. O terceiro caminho penso ser o mais bonito, por se mostrar o mais democrático: publicar os poemas na internet, em blogs, sites, nas redes sociais. É quando o poeta chuta o balde para mídia, mercado, direitos autorais e coisas do tipo, só para levar ao máximo de gente a arte poética incontida em si mesmo. Digo que é um caminho bonito porque ao longo dele transita a poesia que é vida, não apenas aquela que é palavras.

COLA

*Criança:
Sabe-la com asas
Além do gume dos ossos,*

*Alegre, sob as farpas dos olhos
Da língua, do espírito,*

*Deitada no asfalto:
Quando cama é sonho
[impossível]
De consumo.*

in Asfalto

Vernaculum: Podemos perceber o surgimento de um estilo ou você acredita que estamos convivendo com diversos estilos simultâneos?

Outro dia, em um evento literário aqui em Friburgo, três autores propunham exatamente essa questão: qual a cara da literatura em 2012? Eu não tinha parado para me indagar isso e, a partir daquele momento, com um olhar mais penetrante sobre o material que me tem chegado, percebi ser

uma cara disforme, com tons de pele distintos, mas próximos uns dos outros. Não se pode mais falar em estilo como no passado. Acho até que “aquele estilo” já se fossilizou. Quanto às obras literárias, deve-se hoje tratar de linguagens, contextos e canais de penetração no leitor. É o foco mais importante, e acaba sendo também um modo de tirar da literatura a aura incômoda de matéria para uns poucos eleitos. Li em algum lugar que “quem gosta de estilo é crítico literário”. E escrever pensando nos críticos é subestimar o papel cultural da literatura.

Vernaculum: A cidade é bem representada em *Asfalto* (2010), como você vê a representação da cidade na literatura contemporânea?

*A urbanidade, hoje, com toda a complexa teia que a envolve, é a matéria-prima da maioria dos escritores com algum produto literário interessante. Há ilhas, óbvio, e a grande exceção é a poesia de Manoel de Barros — com as borboletas que trocam as árvores por ele e os sapos que desejam sê-lo. No meu livro *Asfalto, a crueldade da vida urbana está mais palpável no não visto pelo habitante das ruas — as mesas dos prédios, os “sonos dos justos” — do que na dureza do chão, na chuva, no vento. É esse não visto que desejaria revisto por nós, habitantes de entre paredes e teto, para ser possível a transformação do que é visto, sabido e não desejado. Por todos.**

MOMENTO

*Os objetos do asfalto
No trânsito das horas
Ficam,*

*Pássaros camicases
Mergulhando dos fios
Sangram,*

*Sinfonias dos bueiros
Em silêncio se
Perdem.*

in Asfalto

Vernaculum: Há algum marco provinciano em sua escrita pela sua escolha de morar afastado da grande megalópole?

Penso que essa característica não exista mais na literatura contemporânea, pelo menos, não como regra. Um traço tipicamente provinciano é incapaz de se sustentar em plena era digital. E, até antes dela, encontrava-se diluído: a grande

escritora belgo-americana Marguerite Yourcenar passou décadas escrevendo isolada em uma ilha no estado do Maine, Estados Unidos, onde até mesmo o pão tinha de ser assado por ela. E o menos que se pode rotular sua literatura é de ser provinciana. No Brasil, temos Adélia Prado, desde sempre na sua Divinópolis, que nem por isso — viver fora das grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro — deixa de ser considerada uma das grandes vozes da poesia brasileira.

Vernaculum: Pra você quais os escritores contemporâneos mais significantes para a literatura brasileira? Quais os que mais te influenciam?

Como não estudioso da matéria, não ousaria citar nenhum nome atual que signifique de maneira definitiva para a literatura brasileira. Enquanto leitor, curto a escrita de muita gente, inclusive gente ainda não consagrada — uma galera que veio há um tempinho já e outra que está chegando, ambas com belas propostas literárias. Para citar nomes entre os canonizados, existem dois, um poeta e o outro contista, com os quais me identifico bastante (toda identificação é uma influência): Ferreira Gullar e Dalton Trevisan.

Vernaculum: Você acredita na constante discussão do fim do livro?

Não, não acredito. Tanto que nem vou entrar no assunto. Ainda não cheirei um e-Reader, pra ver se o cheiro é melhor que o de livro novo. [risos]

Vernaculum: Conte um pouco sobre seu projeto literário atual?

Tenho, pronto, o terceiro livro de poesia. Bem, pronto em termos. Está todo escrito, mas em fase de reescrita. Até outubro esse trabalho estará concluído, à procura de uma

UM MILHAR

*Caso no trânsito
Das máquinas
A carne colhida
Manche o asfalto,
Um número de 4 dígitos
Sem emoção entrará
No papel
Das estatísticas*

in Asfalto

TREINO

*Em lugar da casa,
Espaço sob a laje,
No exercício da escuridão,
O estudo da estreiteza:
Menos de sete palmos
Pouco acima do asfalto.*

in Asfalto

parceria editorial. Também trabalho em um livro de contos, num ritmo mais lento, coisa com certeza para mais um ano de “bigorna” [risos]. E tem o projeto de um livro voltado para o público infantil, esperando a ocasião de eu decidir: é hora de sentar e escrever. Há até um caminho aberto para ele... Por enquanto, é isso. Mas o terreno das ideias é fértil, e o autor nunca pisa nele distraidamente.